

**ROMANCES CIENTÍFICOS: INTERPRETAÇÕES E CONSTESTAÇÕES
SIMBÓLICA DA ORDEM IMPERIAL NO BRASIL (1870-1890)**

Célia Regina da Silveira
Universidade Estadual de Londrina
crs@sercomtel.com.br

Este trabalho, de certo modo, propõe a continuidade da minha pesquisa de doutorado, que teve como objeto de estudo o escritor paulista Júlio Ribeiro, defendida no programa de Pós-Graduação em História da Unesp, campus de Assis, em 2006. E que foi publicada na versão de livro pela editora Unesp com o título *Erudição e Ciência: as procelas de Júlio Ribeiro (1845-1890)* (SILVEIRA, 2008). Nele empreendi uma análise conjugada da experiência social de Ribeiro e de seus textos no âmbito das letras paulistas, entre 1870 e 1890, privilegiando as intervenções do escritor na imprensa, as quais contêm importantes marcas de sua trajetória e, além disso, permitiram-me alcançar uma visão menos restrita da atuação do autor, dando subsídios para reconstituir suas relações sociais no universo letrado.

No entanto, ao estudar os impasses presentes na trajetória de Júlio Ribeiro, deparei-me com algumas interrogações que, àquela altura, não foram possíveis de serem respondidas. Duas interrogações sintetizavam o problema: como compreender que a produção da chamada geração 1870 brasileira, da qual Ribeiro comungou da experiência de contestação, não se restringia aos textos que evocavam diretamente as críticas ao *status quo* imperial? Esta contestação não seria somente resultante da crise do regime imperial, mas ela própria como um movimento de intervenção na desmobilização do cânon imperial, que se operava também em outros lugares da Europa ocidental?

Para responder e/ou redimensionar estas questões, a presente pesquisa enfocará a produção literária de Júlio Ribeiro: *Padre Belchior de Pontes* (1876) e *A Carne* (1888). Romances que serão inseridos no movimento mais amplo de interpretação e contestação da ordem imperial. Assim como em seus textos publicados na imprensa, é possível verificar nesses escritos a auto-representação de Ribeiro, ou seja, a compreensão de sua inserção no mundo das letras enredada na interpretação simbólica que o autor fazia do

Brasil, especialmente de São Paulo. No caso do romance histórico *Padre Belchior de Pontes*¹, penso que a princípio essa obra deve ser inserida num ideário intelectual simbólico sobre São Paulo, pois na narrativa do romance Ribeiro elabora uma crítica à Companhia de Jesus em São Paulo e exalta a bravura dos paulistas. Com isso, toca num ponto nodal de oposição à Monarquia: o anticatolicismo. E ainda se pode dizer que vê na resistência dos paulistas aos jesuítas a precedência ao movimento de independência. É possível afirmar ainda que, no romance *A Carne*, está em questão a tradição imperial em seus múltiplos sentidos, desde a tradição romântica – o cânon intelectual legitimador do Império – até o modelo da instituição familiar. Enfim, os dois romances de alguma maneira expressam simbolicamente a oposição ao modelo intelectual do Império.

Neste sentido, os textos literários de Júlio Ribeiro assim como diversos outros romances de fins do século XIX, podem ser vistos não somente pelo valor literário intrínseco a construção da narrativa, mas como produção integrada a um movimento mais amplo de interpretação do Brasil e contestação do *status quo* imperial. Neste último aspecto, os romances refutaram o modelo de identidade nacional inventado pela tradição saquarema: o nacionalismo indianista dos românticos – como por exemplo os romances de José de Alencar (RICUPERO, 2004),² ao elegerem uma pluralidade de tipos sociais como matéria para a literatura. Aluísio de Azevedo em *O Mulato* (1881), traz para a cena os homens livres pobres, os mulatos; Raul Pompéia privilegia os estudantes em *O Ateneu* (1888), e nesse mesmo ano vem a público o romance *A Carne* de Júlio Ribeiro, tematizando as mulheres cultas. Além de construir novos tipos nacionais, esses romances, minuciosamente descritivos, sociológicos rompiam em parte com a estetização da sociedade imperial que os romances de Alencar tinham nutrido, baseando-se no repertório da ciência e sociologia da época. Por isso, serão designados neste projeto de “romances científicos”. E de certo modo, ao elegerem novas figuras sociais, estes escritores não deixaram de referirem a sua própria condição de marginalizados na política saquarema.

Deste modo, a questão mais ampla que acompanhará esta pesquisa será verificar a própria produção dos romances e os sentidos neles configurados como sinais simbólicos da crise do Regime Monárquico no Brasil, haja vista que trazem tipos sociais que destoam da lógica estamental da sociedade, bem como os escritores que estarão em pauta nesta pesquisa.

Ao propor o estudo dos romances mencionados, pretende-se vê-los como inseridos na geração 1870 brasileira que, ao contrário, do que já foi por muito tempo

afirmado, englobava uma heterogeneidade de grupos políticos (liberais abolicionistas, novos liberais, positivistas abolicionistas e republicanos científicos), que pensavam soluções diversas para o Brasil, porém, comungavam da experiência de marginalidade frente à política saquarema. Essa é a tese de Alonso para explicar a geração 1870 como um movimento reformista (ALONSO, 2002). A autora trabalha, no entanto, uma série de textos vinculadas aos programas dos partidos e obras doutrinárias de seus representantes.

Na presente proposição de trabalho, buscar-se-á circunscrever, a princípio, a produção literária de três escritores da segunda metade do século XIX, mais especificamente *Padre Belchior de Pontes* (1876) e *A Carne* (1888) de Júlio Ribeiro, *O Ateneu* (1888) de Raul Pompéia e *O Mulato* (1881) de Aluísio de Azevedo.³ Embora esses romances sejam as fontes principais da pesquisa, a análise levará em conta a inserção social dos autores no universo letrado do período, mesmo porque política e literatura eram socialmente indissociáveis. Além disso, estabelecer o diálogo entre a obra literária e a trajetória dos autores⁴, consiste num mecanismo essencial para o problema formulado neste projeto: a contestação simbólica às instituições, práticas e valores do *status quo* saquarema nos romances finsecular.

Quanto à associação entre as obras literárias e seus autores, é importante esclarecer, que não se dará pela noção determinista de que a obra reflete o temperamento de seu autor, mas sim privilegiando a compreensão do mundo social onde se produziu os romances de Júlio Ribeiro, Raul Pompéia e Aluísio de Azevedo. Pois é na inserção desses autores no debate de contestação do regime político e na mobilização de outros discursos que o intervalo entre vida e obra é suprimido. Ainda que não de forma direta e/ou deliberada, existe uma auto-representação nos textos destes escritores que indica o lugar social de onde eles lançavam suas intervenções e a partir do qual é possível verificar as posições sociais ocupadas por esses escritores no universo letrado do Segundo Reinado.⁵

Em fins do século XIX, Sílvio Romero (1926) referiu-se a um “movimento novo” ensejado pela importação de um “bando de idéias novas” que “pululavam” na mente dos letrados no Brasil: evolucionismo, positivismo, darwinismo, etc., como teorias científicas que influíram na reavaliação crítica do País. Essa visão baseada em noções abstratas de “campo das idéias” e/ou “doutrinas filosóficas” na interpretação dos últimos decênios do século XIX, posteriormente, foi tão celebrada no e pelo pensamento social brasileiro, que se tornou um “paradigma” de análise das

transformações ocorridas a partir do decênio de 1870, como a criação do partido republicano, a abolição, a própria instauração da República, etc, as quais foram consideradas, então, resultantes diretas daquele “bando de idéias novas” mencionadas por Romero. As teorias científicas fizeram parte do ideário político da geração de contestadores do regime imperial, porém seu uso estava subordinado às questões de cada grupo, isto é, as noções eram readaptadas, de acordo com as circunstâncias e os interesses políticos das facções que questionam o *status quo* imperial.⁶

Na leitura, portanto, dos romances aqui indicados, será de fundamental importância inseri-los na discussão de um movimento intelectual mais amplo, não só referido a geração 1870 brasileira, mas também ao repertório da política científica portuguesa,⁷ que foi o molde de leitura dessa geração na crítica as bases da sociedade e política imperiais. E especialmente, como a assimilação da política científica intermediou à discussão sobre o anticlericalismo, o antiindianismo romântico e o antiliberalismo imperial entre os letrados brasileiros. Esses temas compõem nas narrativas literárias de Júlio Ribeiro, Raul Pompéia e Aluísio de Azevedo; mas, eram também os mesmos que estruturavam a agenda parlamentar.

Os decadentistas portugueses como eram conhecidos Teófilo Braga, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, entre outros – que compunham a chamada geração 1870 portuguesa – discutiam sobre o estágio cultural no qual se encontrava Portugal, lançando a idéia de decadência do Império português. Embora todos eles tenham sido lidos pelos grupos reformistas da segunda metade do século XIX, para o presente trabalho interessa, especialmente, Teófilo Braga (1843-1924). Autor que, segundo Eduardo Lourenço, fez batalha contra o romantismo e adotou o culto

[...] da ciência e do progresso, do Positivismo, que foi na Europa e na América Latina a filosofia comum das classes ascendentes, engenheiros, técnicos, militares, em volta da qual se estruturou realisticamente o combate político de inspiração republicana. [...] O positivismo de Teófilo Braga, feição Littré, e sobretudo o seu anticlericalismo fóbico, em particular seu ódio mítico ao jesuitismo, cultivado através de Michelet, de Quinet, de Eugène Sue, encontravam um eco fácil entre as camadas de leitores. (1992, p. 122)

A tese de decadência de Portugal da geração 1870 Portuguesa fez eco na interpretação que os grupos reformistas realizaram do Brasil, ajudando a diagnosticar o estágio de civilização e progresso no qual se encontrava o País. Nesta discussão, como assinala Alonso “a releitura do processo colonização encaminhou uma reinterpretação dos processos de formação do Estado e da Nação brasileiras e das estruturas socioeconômicas e hierarquias herdadas.” (2002, p. 240). De maneira geral, resguardadas

as peculiaridades de leituras dos grupos políticos, a geração 1870 brasileira identificava os males do Brasil no processo de colonização. No caso dos republicanos, que mais nos interessa nesse trabalho – pois os autores dos romances que serão objeto de análise na pesquisa, professavam o republicanismo – consideravam a Monarquia o cerne negativo da herança colonial. Esta era a linha interpretativa geral dos republicanos, não obstante acredita-se que a análise dos romances conjugada a atuação dos escritores, consista num importante caminho para se verificar as seleções, distinções e nuances na leitura empreendida por Júlio Ribeiro, Raul Pompéia e Aluísio de Azevedo do modelo político-intelectual e moral de direção saquarema.⁸

Tendo em vista que os romances serão as fontes principais desta pesquisa, é necessário explicitar a maneira de conceber a literatura. Antes de tudo, a literatura não é tida como reflexo da realidade ou matéria de gênios e sujeitos universais, – como já aparece indicado na maneira de desenvolver este texto – mas como representação que encerra uma prática social capaz de intervir no seu tempo. Neste sentido, as noções de *representação*, *prática* e *apropriação* desenvolvidas por Roger Chartier fundamentarão a leitura das narrativas literárias aqui referidas. Para o historiador francês, a noção de representação:

[...] permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer conhecer uma identidade social, exibir uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas graças às quais uns “representantes” (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (1990, p. 23).

Seguindo essa linha de pensamento de Chartier, os romances serão vistos como representações do universo social da segunda metade do século XIX, sem deixar de levar em conta, que neles estão impressos as marcas dos conflitos sociais, ou seja, de concepções distintas entre grupos políticos que estiveram em cena na crise do Brasil imperial. As narrativas de Júlio Ribeiro, Raul Pompéia e Aluísio de Azevedo não podem ser vistas de maneira naturalizada, isto é, a contestação simbólica do regime imperial e seus valores, também era uma forma desses autores marcarem uma posição, imporem outros valores e identidades sociais distintas do modelo imperial, do qual se sentiam marginalizados socialmente e politicamente. Acredita-se, que essas narrativas literárias, permitirão reconstruir o universo simbólico de contestação ao modelo

imperial e, ao mesmo tempo, mostrar as bases do diálogo dos letrados brasileiros com o repertório científico estrangeiro, sobretudo, português.

*

A despeito de a produção literária aqui enfocada ter sido objeto de leituras diversas da história e crítica literárias, comumente não lhe é atribuído grande valor literário – com exceção do romance *O Ateneu*⁹ – pelo forte viés documental que acompanhou a produção das narrativas literárias. Isto se deve a periodização canônica da história literária que, na maioria das vezes, assumiu a memória e as divisas de fundação estabelecidas pelos escritores de 1922: o Modernismo. Este movimento artístico-cultural foi à referência para a periodização da literatura brasileira – como sendo um movimento fundador, que emancipou a literatura nacional. E neste sentido, a produção literária que se pretende focar nesta pesquisa, foi classificada a partir dessa memória produzida pelo Modernismo e aceita pelos críticos: Pré-Modernismo.¹⁰ Este rótulo carrega todo um sistema de valoração, que implica em não considerar as obras literárias inseridas nos seus contextos de valores e de produção sociais. É exatamente desta postura, que o presente trabalho afasta-se, na medida em que os romances são vistos como produções que integram e dialogam com os códigos socioculturais de sua época. Considera-se, portanto, essencial o respeito à historicidade das fontes literárias, para não incorrer em anacronismos.

Acredita-se que a proposição de estudo apresentada, aqui, possibilitará um olhar mais amplo sobre o significado das obras literárias no final do século XIX, pois o diálogo entre essas narrativas, o repertório científico estrangeiro e a crise do Império darão subsídios para traçar a configuração de um movimento de contestação à ordem imperial, que não se restringia aos textos de natureza política – aliás, esse é o argumento, que procurarei demonstrar com a pesquisa – mas também nos textos literários, porém de maneira menos evidente. A preocupação em analisar os romances numa tessitura mais ampla, não implicará em desfocar os elementos intrínsecos do texto literário tampouco tê-los como documentos sociológicos.¹¹

NOTAS

¹ O romance foi publicado em forma de folhetim na *Gazeta Commercial* de Sorocaba, onde o autor atuava, entre 18 de setembro de 1874 e 29 de outubro de 1875. No ano seguinte (1876), *Padre Belchior*

de Pontes foi editado em dois volumes pela tipografia do jornal *Gazeta de Campinas*, a qual tinha por proprietário e editor Francisco Quirino dos Santos. O romance, além de ter sido dedicado à mãe, Maria Francisca Ribeiro, foi também dedicado a figuras ligadas ao referido jornal: Abílio Marques e Pedro Franzem, que, à época, ocupavam o cargo de gerente da *Gazeta de Campinas*.

² Ricupero (2004), privilegia o enfoque político no tratamento dos textos literários, visualizando-os como integrados ao modelo do direcionamento saquarema na política.

³ No decorrer do desenvolvimento do trabalho, a pesquisa é que irá sugerir se haverá a ampliação no rol de romances selecionados. Poderá, portanto, abarcar outras narrativas literárias.

⁴ Trajetória é usada, aqui, no sentido dado por Pierre Bourdieu: “[...] A relação que se estabelece entre agentes singulares, e, portanto, seus hábitos, e a força do campo, relação que se objetiva em uma trajetória e em uma obra. Diferentemente das biografias comuns, a trajetória descreve a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário [...] isto é, relacionamente, que se define o sentido dessas posições, publicações em tal ou qual grupo etc.” (BOURDIEU, 1996, p. 71). No entanto, no Brasil da segunda metade do século XIX não havia um campo literário autônomo, pois literatura, imprensa e política eram indissociáveis. Assim considero que o termo “campo letrado” expressa melhor a realidade de produção daquele momento e as práticas sociopolíticas e culturais nele vigentes.

⁵ Foucault chama a atenção para uma escrita de si, não no sentido de gênero literário, mas como figura de compreensão presente em algum grau em todos os textos. A esse respeito ver: (FOUCAULT, 2000).

⁶ Valho-me da discussão realizada por Angela Alonso, que defende a tese de que a produção intelectual da geração 1870 foi uma forma de contestação política: “O movimento intelectual não esteve voltado para um debate doutrinário alheado da realidade brasileira, nem visava formular teorias universais. A hipótese deste trabalho é que a unidade foi política, fruto de uma experiência compartilhada de marginalização em relação aos postos de mando do Segundo Reinado.” (2002, p. 45).

⁷ Segundo Alonso, “a política científica designa a simplificação e conversão das principais descobertas da sociologia nascente em argumentos e princípios de orientação política” (2002, p. 238). Sugere-se, neste trabalho, que tal mecanismo também esteve presente nos romances de fins do oitocentos no Brasil. Por isso, avento a idéia de designá-los de romances científicos, por plasmarem na narrativa o repertório da ciência e da sociologia da época.

⁸ Ilmar Mattos define o Estado imperial como o “*locus* dos dirigentes saquaremas, isto é, daqueles que por meio de uma ação estatal exerceram uma direção intelectual e moral. Assim o Estado deixa de ser entendido unicamente como aparelho de dominação.” (1990, p. 3).

⁹ A recepção da crítica a esse romance foi favorável já na época de seu lançamento, o que em certa medida, não deixou de criar uma memória positiva quanto a sua qualidade literária. Embora não único, pode ser um dos motivos, da crítica e história literárias ter se dedicado com maior frequência a esse romance do que aos outros aqui mencionados. Sobre Raul Pompéia, ver: (LUCAS, 1995).

¹⁰ A expressão foi cunhada por Alceu Amoroso Lima. As bases dessa concepção podem ser encontradas nos primeiros estudos de Antonio Candido. Em *Literatura e Sociedade*, escrito no início dos anos 1950, ele afirma: “Na literatura brasileira, há dois momentos decisivos que mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência: o Romantismo, no século XIX (1836-1870), e o ainda chamado Modernismo, no presente século (1922-1945). Ambos representam fases culminantes de particularismo literário na dialética do local e do cosmopolita; ambos se inspiram, não obstante no exemplo europeu.” (1985, p.112). Esta concepção também comparece em Alfredo Bosi (1994).

¹¹ Neste aspecto, adotarei a postura “relacional” de Pierre Bourdieu na análise das obras culturais. A esse respeito, ver (BOURDIEU, 1996)

BIBLIOGRAFIA

- ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 e a crise do Brasil- Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. São Paulo: Martins Fontes, 1974.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 33. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

-
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 3 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- _____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 7.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *O que um autor?* 4.^a ed. Lisboa: Veja: Passagens, 2000.
- LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da Saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- LUCAS, Fábio. As várias faces de Raul Pompéia e o Ateneu. In: *Remate de males*. n. 15, Unicamp, 1995.
- MATTOS, Ilmar. *O tempo saquarema: a formação do Estado Imperial*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1990
- POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. 14.ed. São Paulo: Ática, 1991.
- RIBEIRO, Júlio. *Padre Belchior de Pontes*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Monteiro Lobato, 1925.
- _____. *A Carne*. 21. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1949.
- RICUPERO, Bernardo. *O romantismo e a idéia de nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ROMERO, Sílvio. Explicações indispensáveis. In: BARRETO, Tobias. *Vários Escritos*. [S. l]: Editora do Estado de Sergipe, 1926.
- SILVEIRA, Célia Regina da. *Erudição e ciência: as proelas de Júlio Ribeiro (1845-1890)*. São Paulo: UNESP, 2008.